

Teatro

16, 17, 18 de maio 2014

4

PANOS

PALCOS NOVOS PALAVRAS NOVAS

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



O Hotel

de Gonçalo M. Tavares

Eles São Mesmo Assim?

de Lucinda Coxon

Os Anjos Tossem Assim

de Sandro William Junqueira

Sexta 16, sábado 17, domingo 18 de maio

Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório · M12

Sexta 16 de maio

18h30 · Pequeno Auditório

O Hotel

Pátio das Galinhas – Classe Juvenil
de Teatro (Figueira da Foz)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Eles São Mesmo Assim?

Grupo de Teatro Reticências da ES Leal
da Câmara (Rio de Mouro)

Sábado 17 de maio

16h · Sala 2

Pano para mangas

Conversa com os autores e os grupos

18h30 · Pequeno Auditório

Eles São Mesmo Assim?

Teatro D. Pedro V (Lisboa)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Os Anjos Tossem Assim

Grupo de Teatro Juvenil do Cine-Teatro
de Estarreja

Domingo 18 de maio

16h · Pequeno Auditório

O Hotel

Sexta Insónia do Agrupamento Vertical
de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão
(Portimão)

18h30 · Palco do Grande Auditório

Os Anjos Tossem Assim

Grupo de Teatro do Colégio José Álvaro
Vidal – Fundação CEBI (Alverca)

Apresentação

Este é o nono festival PANOS – palcos novos palavras novas. A receita do projeto da Culturgest tem-se mantido constante: encomendar e traduzir peças novas, escritas de propósito para serem representadas por adolescentes.

A inspiração vem do Connections do National Theatre, e com ela duas lições bastante britânicas que temos tentado praticar: 1) a escrita para teatro não surge por acaso de uma gaveta esquecida e deve ser incentivada, desenvolvida, encenada; 2) estrear um texto é um exercício de invenção que obriga a uma fidelidade saudavelmente fora de moda.

Quem escreve nos PANOS são sempre autores reconhecidos – não necessariamente dramaturgos – que, sem limitações temáticas, fazem uma aproximação à adolescência. O texto, quando depois é posto em cena, não pode ter mais de uma hora. Este ano Gonçalo M. Tavares escreveu *O Hotel* e Sandro William Junqueira *Os Anjos Tossem Assim*; Lucinda Coxon tinha escrito *Eles São Mesmo Assim?* para o Connections 2013 e Patrícia Portela traduziu.

Quem encena as peças são responsáveis de grupos escolares ou juvenis que começam por ter acesso a excertos, depois aos textos completos dos quais escolhem um e, em *workshops* paralelos em novembro, na Culturgest, puderam durante um fim-de-semana explorar alguns dos caminhos possíveis de cada texto, com o autor presente. Essas sessões foram orientadas por João Fiadeiro (para *O Hotel*), Tónan Quito (*Os Anjos Tossem Assim*) e Anthony Banks

(*Eles São Mesmo Assim?*). Os grupos trabalharam a partir daí o melhor que puderam, cada um na sua terra, reunindo-se uma ou várias vezes por semana, construindo-se enquanto grupo (e isso é 90% do trabalho) ao mesmo tempo que construíam um espetáculo. Um grupo de seleção (do qual fizeram parte Ana Bigotte Vieira, Armando Pinho, Catarina Requeijo, Francisco Frazão, Jorge Loureiro Figueira, Manuel Henriques e Sandra Machado) distribuiu-se pelos 34 espetáculos que estrearam até ao fim de Abril; desses escolhemos seis (dois por cada texto) para virem a este festival, altura em que um livro com as três peças é publicado.

Apesar da presença do advérbio em dois dos títulos, este não foi um ano assim-assim. Os textos que aqui se apresentam sabem bem o que querem, têm formas e linguagens distintas, arriscam. Sandro William Junqueira pode escrever cenas longas e curtas, individuais e de grupo, entre o terraço e o país. Lucinda Coxon opta por uma estrutura mais musical do que narrativa, por vezes com refrões e contrapontos, para falar de um tema que atores e público acham que conhecem bem. E Gonçalo M. Tavares propõe algo que, apesar dos vários momentos de diálogo, não se parece com um texto dramático, sendo antes constituído por blocos de dimensões diferentes que se encaixam para formar um mundo inquietante.

A tentativa de estabelecer algumas ligações entre as peças poderia começar por distinguir os dois textos portugueses, que constroem ambos universos

distópicos ou totalitários, do quotidiano mais próximo de nós que é retratado na peça inglesa.

Mas pensemos antes na troca de papéis, tópico teatral por excelência, que surge nas três peças. Em *Os Anjos Tossem Assim* a inversão – um rapaz que se veste de rapariga – surge quase no fim, e tem motivações políticas: é um gesto, teatral, para tentar mudar o mundo. (Como muitos dos grupos escolares são compostos sobretudo por raparigas, não é difícil ver nalgumas encenações deste texto, eventualmente contra as intenções de Sandro William Junqueira, um jogo shakespeariano: uma rapariga que faz de rapaz que faz de rapariga.) E se a peça várias vezes se assume enquanto teatro, podemos vê-la como um *casting* que dá a responsabilidade ao espectador: qual dos vários candidatos ficará com o papel de denunciante?

Em *Eles São Mesmo Assim?*, Lucinda Coxon põe os filhos a fazer de pais a falar sobre os filhos. O resultado é um concerto tão divertido quanto melancólico de vozes que se zangam e comovem, contam e refletem, lembram e antecipam; os jovens atores adotam o ponto de vista da geração anterior, calçando-lhe os sapatos, e portanto estão sempre a citar, já que o intervalo entre intérpretes e personagens nunca deixa de se ver.

Entre as imagens mais impressionantes que são descritas em *O Hotel* estão a dos meninos que fazem de cães e a dos filhos que cortam o cabelo aos pais. As cenas perturbam pela tensão sexual (de uma perversidade inocente) e pelo jogo de poder, numa espiral entre o fraco e

o forte. São aliás várias as imagens de Gonçalo M. Tavares onde se instala este tipo de vertigem: o inimigo pode ser o irmão, um braço pode enlouquecer, o piolho quer ser um indivíduo. Num mundo governado pela cegueira, pela loucura e pelo desemprego, os papéis e as hierarquias alteram-se com o tempo. Mas este não é uniforme, expande-se e contraí-se consoante o que cada um toma (a loucura “não é uma ideia, é uma velocidade”).

Também em *Eles São Mesmo Assim?* o tempo é relativo (a areia da ampulheta “quando está quase a chegar ao fim parece que cai mais depressa”), e em *Os Anjos Tossem Assim* pode dilatar-se como na longa praia que é a cena inicial ou ser sincopado como um anúncio televisivo. Em ambas as peças ouve-se um tique-taque: coração que bate, desperdador que toca, bomba quase a explodir. Falam de nós, estas peças.

Francisco Frazão



O Hotel

de Gonçalo M. Tavares

O meu pai não abriu a boca todo o jantar. Eu senti-me o chefe de família, senti-me orgulhoso, porque era eu que ainda tinha cabelo – mas a meio tive vontade de chorar e chorei. Baixei a cabeça e comecei a chorar. Não parei, estive dez minutos a chorar baixinho na mesa, as lágrimas a correrem para o prato. A certa altura até comecei a gostar disso, a sentir quase orgulho de estar a chorar. O meu irmão mais novo já tinha saído há muito tempo da mesa, não percebeu nada. A minha mãe também tinha saído, queria distrair o puto com outra coisa – fiquei só eu e o meu pai.

O Hotel desenha com precisão geométrica um mundo opressivo com regras e costumes feitos de bocados do nosso mundo e da sua História. Há meninos que fazem de cães, lutas entre cegos, loucura e desemprego, tratamentos médicos que travam e aceleram. E no centro de tudo um hotel que, como o próprio texto, tem vários quartos, entradas e buracos.

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. Os seus livros têm sido distinguidos com diversos prémios nacionais e internacionais. Em Portugal recebeu o Prémio José Saramago 2005 e o Prémio LER/Millennium BCP 2004 com o romance *Jerusalém*; o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores em 2007 com *água, cão, cavalo, cabeça*; o Prémio Branquinho da Fonseca/Fundação Calouste Gulbenkain com *O Senhor Valéry* e o Prémio Revelação APE com *Investigações. Novalis. Uma Viagem à Índia*, de 2010, teve prémios da SPA, da Ler/Booktailors, da APE, da Fundação Inês de Castro, Portugal Telecom e Fernando Namora/Casino Estoril. Estão em curso cerca de 250 traduções em trinta línguas, com edição em quarenta e seis países. Os seus livros deram origem a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, vídeos de arte, ópera, *performances*, projetos de arquitetura, teses académicas, etc.

Páteo das Galinhas



Páteo das Galinhas – Classe Juvenil de Teatro (Figueira da Foz)

Com Alexandre Cruz, Beatriz Silva,

Jonathan Penetra, Luzia Rocha, Nuno Gonçalo, Pavlo Domitrashchuk, Sofia Barros e Vanessa Borges **Direção artística** Júlio Sousa Gomes **Música e desenho de som** Joana Gomes e João Camões **Figurinos** Diana Regal **Fotografia e vídeo** Carlos Furtado **Esculturas** Júlio Ribeiro, Rui Rodrigues, Victor Matos e Filomena Praça **Assistentes de encenação** Lúgia Bugalho e Helena Adão **Assistente de cenografia** Jorge Lopes **Apoio ao movimento** Ricardo Kalash **Operação de som** José Eduardo Veiga **Produção de guarda-roupa** Célia Lopes, Guilhermina Luís, Rosinda Lopes e Sigeia Lourenço **Cartaz** Sofia Barros **Colaboração** Ana Paula Veloso, Fernando Brochado, José António Fonseca, Luís Ferreira, Rui Crisóstomo

Sexta Insónia



Sexta Insónia do Agrupamento Vertical de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão (Portimão)

Com Adriana Pinto, Anamaria Pop, Catarina Pacheco, Jéssica Bampi, Joana Magalhães, Leandro António Rafael, Márcia Silvério, Miguel Jerónimo, Nuno Santos, Tânia Fernandes e Tiago Filipe **Encenação** Sandro William Junqueira



Eles São Mesmo Assim?

de Lucinda Coxon

Tradução de Patrícia Portela

Grace Olá, Arun, sou eu. Podes telefonar-me?

Frances Por vezes sinto-me um disco riscado.

Grace Olá, Arun, sou eu outra vez.

Podes ligar para casa por favor?

Frances Por vezes desmancho-me a rir a meio de uma frase só porque já a disse tantas vezes!

Grace Já está irritada:

Grace Pois, sou eu outra vez. Telefona. Se fazes favor, Arun.

Frances Ou porque me faz lembrar a minha mãe.

Steph Odeio isso.

A adolescência é uma viagem atribulada. Há angústia existencial, alterações de humor, desastres de moda, mudanças físicas assustadoras, o dinheiro nunca é suficiente... E isto só para falar dos pais. Conheces bem os teus?, é a pergunta que faz *Eles São Mesmo Assim?*, uma peça do Connections 2013.

Lucinda Coxon escreveu peças como *Herding Cats* (nomeada para o Theatre Award UK 2011), *The Eternal Not*, *Happy Now* (Prémio de Melhor Peça 2008 da Writer's Guild of Great Britain, nomeada para os prémios Drama Desk e Lortel Award em Nova Iorque, 2010), *Nostalgia*, *Vesuvius*, *Improbabilities*, *Wishbones*, *Waiting at the Water's Edge* e *Three Graces*. Para o Connections do National Theatre adaptou *A Sapateira Prodígiosa* de Lorca e o romance *O Palácio de Gelo* de Tarjei Vesaas. Escreveu ainda guiões como *Wild Target*, *The Heart of Me* e *The Danish Girl*. A sua versão em quatro partes de *The Crimson Petal and the White* de Michel Faber foi transmitida pela BBC2 em 2011. Está atualmente a adaptar *The Little Stranger* de Sarah Waters ao cinema.

Grupo de Teatro Reticências



Grupo de Teatro Reticências da ES Leal da Câmara (Rio de Mouro)

Com Ana Narciso, Ana Rita, Ana Sofia Monteiro, Andreia Correia, Cláudio Ferreira, Jaime Ferreira, Marco Lopes, Miguel Costa, Pedro Sousa, Raquel Gomes, Raquel Lopes, Vera Jardim **Figuração** Renata Gaspar, Mariama Diallo, Raquel Lopes, Taíssa Santos,

Vera Furtado **Encenação** Rui Mário **Técnico de luz e som** Pedro Moreira **Professores que acompanham** Fátima Monteiro e Manuel Alves

Teatro D. Pedro V



Teatro D. Pedro V (Lisboa)

Com Alexandre Malveiro, Álvaro Barata, André Concórdia, Andreia Domingues, Cheyenne Domingues, Gonçalo Botelho, Gonçalo Egito, João Fernandes, Mariana Franco, Rita Xavier, Rogério Vale, Sara Figueiredo e Soraia Pereira **Encenação e espaço cénico** Mariana Rosário **Apoio ao espaço cénico** Hugo F. Matos **Figurinos** Intérpretes e Mariana Rosário **Música original** Pedro Duarte **Piano** Miguel Galamba **Fotografia** São Ludovino **Apoio na cedência de materiais cenográficos** Carris, Comuna – Teatro de Pesquisa, Rede Expressos (Sete Rios), Roca



Os Anjos Tossem Assim

de Sandro William Junqueira

Piotr Quando chegámos aqui.
Olhos de minhas pais felizes a chorar.
Confusão boa de água nas olhos.
Futura vai ser bom.
Amanhã vão ser melhores.
Agora.
Outra vez o mesma.
Fome.
Militares no rua.
E minhas pais a quererem voltar pró terra.
Fred Lá a guerra é melhor?
Piotr Ao menas falamos o língua.

Os Anjos Tossem Assim tem lugar num país onde ocorreu um golpe de estado. Um grupo de adolescentes encontra-se diariamente no terraço de um prédio. Há militares nas ruas, zonas barricadas, racionamento alimentar, recolher obrigatório, caça ao homem. Como viver estes dias de cerco? Porque é de sobrevivência que se trata: será o instinto que os salva? Ou é possível, ainda, alguém fazer alguma coisa?

Sandro William Junqueira nasceu em 1974. Experimentou a música, escultura, pintura. Foi designer gráfico. Trabalha regularmente no teatro. Já encenou textos de Gonçalo M. Tavares, Flannery O'Connor, Samuel Beckett e, no contexto do projecto PANOS, as peças de Katori Hall, Rory Mullarkey e Rui Catalão. Publicou *O Caderno do Algoz* (Caminho, 2009) e *Um Piano para Cavalos Altos* (Caminho e Leya Brasil, 2012). Foi um dos onze escritores da novela policial *O Caso do Cadáver Esquisito* (Associação Cultural Prado, 2011) e autor de um dos contos da coletânea *Dez Contos para Ler Sentado* (Caminho, 2012). Em 2013, contribuiu com um conto para a coletânea *Prazer da Leitura* de 2013, um projeto da Teodolito em associação com a FNAC.

Grupo de Teatro Juvenil do Cine-Teatro de Estarreja



Grupo de Teatro Juvenil do Cine-Teatro de Estarreja

Com Ana Miguel Amaro, Bianca Oliveira, Cátia Azevedo, Henrique Rainho, João Silva, Lucília Anjos, Mariana Ribeiro, Mariana Rodrigues, Rita Bronze Vinha, Sofia de Brito Tavares, Sofia Valente Bastos e

Soraia Gurgo **Encenação** Teresa Arcanjo
Produção Cine-Teatro de Estarreja

Grupo de Teatro do Colégio José Álvaro Vidal



Grupo de Teatro do Colégio
José Álvaro Vidal – Fundação CEBI
(Alverca)

Com Débora Carvalho, Diogo Janeiro,
Inês Coelho, Inês Santos, Joana
Bogarim, Margarida Rodrigues, Ricardo
Vicente e Samuel Belchior **Direção e**
criação plástica Gonçalo Quirino

Próximo espetáculo

Homenagem a Vinicius de Moraes

Mônica Salmaso, Teco Cardoso
e Nelson Ayres

Música Sex 23 de maio

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M3



De novo na Culturgest uma das melhores cantoras brasileiras deste tempo, num programa inteiramente preenchido com músicas de Vinicius ou para as quais ele escreveu os poemas. Um belo concerto que nos lava a alma.

Próximo espetáculo de teatro

Le Capital

O Capital de Karl Marx
Encenação de Sylvain Creuzevault
Integrado no Alkantara Festival

Teatro Sex 6, sáb 7, dom 8 de junho

Palco do Gr. Aud. · 21h30 · Dur. 2h30 · M12
Em francês, com legendas em português



© Marine Fromanger

Um espetáculo sobre as estruturas secretas do modo de produção capitalista, tendo por intermediário o mui shakespeariano Karl Marx. Será Inferno, será Paraíso? Garantiram-nos que será uma *Difícil Comédia*.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Ramos

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
